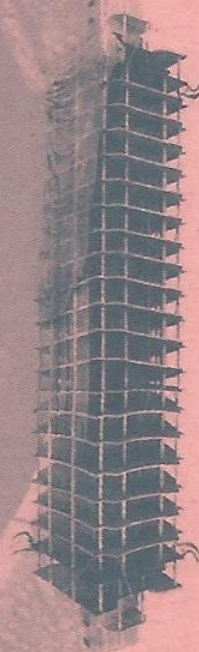
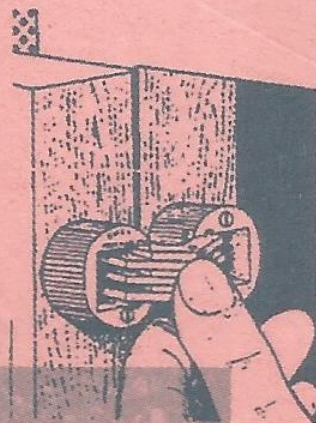


AÇÕES
CURA-
TORIAIS

2014



“Eu preferiria não fazer”
(I would prefer not to)

Correspondência entre
Kamilla Nunes e Júlio Martins

Nova Lima, junho de 2014

Querida Kamilla,

espero que tudo siga bem. Te escrevo para compartilhar e fazer prolongar alguns dos sentimentos e aprendizagens que nasceram da nossa convivência diária aí na Ilha de Santa Catarina. Impossível voltar o mesmo depois de dias pensando, falando e discutindo na primeira pessoa do plural. Intensidade de convívio. Saudades, já, de todos do nosso grupo...

Mas há uma urgência em mim que me persegue desde que nos encontramos previamente em São Paulo, participando do seminário Longitudes, por um acaso que nos levou a um dia inteiro de conversas, aguardando amigos e aviões entre trânsitos e imaginando como seria a residência dali algumas semanas em Florianópolis. Foi depois de nos encontrarmos em São Paulo e conversarmos muito que “Bartleby, o escrivão” de Herman Melville, se tornou um emblema no horizonte da minha viagem. A resistência passiva que ele oferece a sistemas normativos e consolidados me inspirou a questionamentos de natureza institucional e sobre nosso ofício de jovens curadores frente a um sistema de arte já “dominado”, digamos, ou simplesmente ao estado das coisas. Bartleby é “um destroço de naufrágio em pleno Atlântico”, “levemente arrumado, lamentavelmente respeitável, extremamente desamparado”, “ele era uma pessoa mais de preferências do que suposições.” Fico encantado com essas descrições, são incríveis!

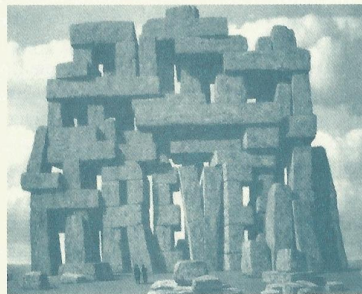
Você ficou de me contar mais detalhadamente sobre um trabalho da Graziela Kunsch a respeito disso, fiquei curioso, o Bartleby nos oferece muitas possibilidades críticas... Envio novamente o Magritte que é para mim uma “imagem de recordação do C.E.F.A.”, ainda que tenha sido impossível estar presente, o que, aliás, é muito frustrante. Esse é o cenário em que na minha mente imagino o reencontro com todos. Visitar a Fortaleza de Anhatomirim me levou pra este lugar aí da pintura. Chama-se “A arte da conversação”. Por vezes, conversando

Kamilla Nunes
e Júlio Martins

Ações Curatoriais
– 19

contigo, ou com Santi, Fernando, Andreza, Bia, Gabi, Paulo, Marta ou Maria, tive essa impressão chocante que certas epifanias nos geram. Sensação de que as palavras compartilhadas nos movimentam. Além disso, a arquitetura de pedras exibe a palavra “sonho”. A imagem mental que guardo da fortaleza de Anhatomirim, que me vem como num sonho, preserva essa escala dupla, que oscila entre o monumental, inalcançável (que pode ser também pensado como uma imagem do próprio tempo) e a escala do afeto, da conversa próxima...

Um bjo,
Júlio Martins



Florianópolis, junho de 2014

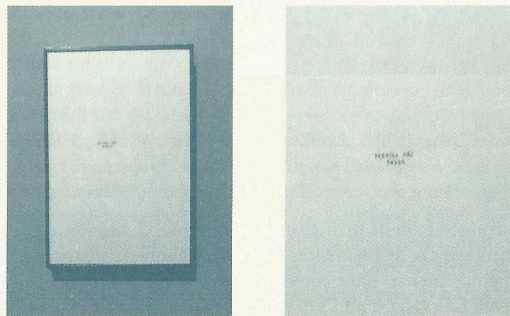
Ei Júlio, bom dia!

Querido, também sinto falta da primeira pessoa do plural, tão marcante durante nossa convivência na residência. “NÓS” colabora, irreparavelmente, para não virmos a nos tornar, tão e somente, seres humanos inqualificáveis e supérfluos. Talvez Eu esteja sendo um pouco radical e hipócrita, dadas as condições que nos são oferecidas: somos protagonistas fadados a serem esquecidos pelo narrador no final da história. Acredito no “NÓS” como uma possibilidade de construção de uma humanidade emancipada.

Nossa conversa amparada pelo acaso aconteceu em meio a dois momentos ainda latentes para mim: o passado coberto por uma discussão sobre disparidades regionais oriunda de um seminário do qual participamos na mesma mesa (não posso aqui deixar de lembrar as duas colocações do Armando Queiroz que nos fizeram pensar por um bom tempo: 1) entender a Amazônia como centro do mundo e 2) a afirmação de que seu interesse por arte fez com que cruzasse

as fronteiras sem precisar sair de seu lugar de origem, o Norte do Brasil) e o futuro completamente tomado pela ansiedade das possibilidades de convivência, presença e abolição do tempo corrente para imersão no registro do “NÓS”, que rompe com a pretensão do Eu de bastar-se a si mesmo.

Entre uma coisa e outra, Bartleby aparece como protagonista da nossa conversa. Isso explica precisamente que o lugar que ficou vazio, esse vazio do vivido, é a chave de leitura do Bartleby em relação a nós, “jovens curadores frente a um sistema de arte já ‘dominado’”, como você mesmo colocou. Respondendo à sua pergunta, passei a conhecer o trabalho da Graziela a partir de uma fala do público no seminário Longitudes. Acho que 2 ou 3 dias depois, ainda em São Paulo, fui jantar com a Bia em um restaurante vegetariano ali no começo da Augusta e a encontrei: nós sentadas, ela de pé com a comida esfriando nas mãos. A obra chama-se “Sem título (Prefiro não fazer)”. Não que eu me lembre de memória tantos detalhes, mas é que recuperei uma conversa de facebook de alguns dias depois do meu aniversário: “ei Kamilla, tudo bem? feliz aniversário atrasado!!! de presente te envio uma imagem que você me pediu da obra ‘Sem título (Prefiro não fazer)’, 2011. beijo! (se der um zoom acho que dá para ver bem as letrinhas)”. E me mandou junto a foto do trabalho:



Talvez você também tenha que dar zoom para ver bem as letrinhas, mas parecem escritas à mão, como fazia Bartleby, o escrivão. Talvez, ainda, a gente possa falar mais sobre essa obra em outro momento. Acordei muito cedo e ainda não coloquei nada no estômago. Me lembra de te contar sobre uma conversa que tive essa semana com o Jorge Menna Barreto a respeito do Bartleby?

Um beijo e boa semana!

Ká

São Paulo, junho de 2014

Ei, Kamilla,

sua repostagem me instiga muito pois ensaiei te escrever, no último email/carta, sobre uma confusão de pessoas em mim, sobre minha dificuldade em encontrar aqui, em casa, no meu cômodo isolamento, o mesmo Júlio (eu?) que eu experimentei por aí, diante de tantas vezes, reagindo a elas, me identificando, discordando, sendo afetado por elas... Me explico melhor. É que em grupo, o solilóquio povoado do nosso universo psicológico, sobretudo o meu, que sou uma pessoa mais reclusa, é provocado e certamente somos transformados pela convivência e oportunidades de encontro com o outro. Deixamos momentaneamente de responder por aquele ‘eu’ e passamos a pensar a partir da consciência de um “nós”. É um esforço, é novamente parte dessa abertura que propomos. Por outro lado, essa noção vaga que temos do eu às vezes se torna mais tangível quando instável... Viu que é mesmo uma confusão de vezes? Eu estava aqui tentando encontrar o Júlio que conheci, junto com tantas pessoas que conheci por aí, mas me parecia desativado. É mesmo essa troca de escritos que relampeja uma faísca por aqui e me move a te escrever, ainda que com a consciência de que muito do que me inquieta permanece e resiste a se transformar em palavras compreensíveis, apaziguadas.

Concordo com o que você diz sobre a primeira pessoa do plural. Penso mesmo que a ideia de indivíduo e da ênfase no ‘eu’ teve sua importância histórica e encontra importância também nas nossas trajetórias pessoais, como processo de individuação, correlato ao processo de constituição da ideia de cidadão na história, por exemplo. Mas seu excesso é uma traição que chega ao individualismo exacerbado, esse do capitalismo, que não prevê abertura para relações sociais emancipadoras, e termina por condicionar e interditar o “nós”.

Mas por que será que tudo isso me faz lembrar e relembrar de Bartleby? Fiquei tentando levantar no texto possibilidades de ler a personalidade dele, mas é mesmo impenetrável. Ele é um mistério, e seus gestos não são somente descompromissados, eles revelam um pensamento singular que desarma a lógica dominante, a deixam sem resposta. Também me chama atenção que o comportamento de resistência dele, censurado por todos, passa, no entanto, a inspirar e a legitimar os colegas para também agir guiados por suas preferências... Sorrateiramente a ética de resistência de Bartleby provoca um efeito no grupo. É assim que passei a interpretar a passagem do Melville que diz que Bartleby “projeta uma melancolia no ambiente”.

Me conta mais do trabalho da Graziela Kunsch? Gostei da fragilidade do escrito dela frente à imensidão alva da página, um vazio eloquente ao redor e entre as palavras, a alvura da página que assustou Mallarmé... Me conta sim do Jorge Menna Barreto, queria também ouvir suas leituras do Bartleby.

Seguimos nos falando, um bjo,

JM

Ilha de santa Catarina, julho de 2014

Júlio querido,

Desculpa a demora do retorno. “Querido”, aliás, é uma palavra que tenho utilizado com muita frequência no dia-a-dia, nos e-mails e ao atender o telefone. Estou aqui pensando se Ela, a Palavra, tornou-se um amuleto de entrada nas proposições dialógicas através da escrita ou é mesmo parte de um sentimento que me faz refutar um “prezado”, “estimado”, “caro”, embora eu pudesse substituí-la por “amado”, “apreciado”, “rico”. Muito raramente você vai ouvir de mim, presencialmente, um “Querido” em começo de frase. No predicado é possível. Mas como viver no modo “NÓS” sem “Querido”, não é mesmo?

E de “Querido”, convenhamos, Bartleby passa longe. Querido ele é por nós, críticos, curadores, artistas e amantes da literatura, pelo que ele nos faz ver, sentir e pensar. Mas jamais poderia, jamais e em hipótese alguma eu conseguiria, em nenhum tipo de ocasião, escrever uma carta ao Bartleby referindo-me a ele como “Querido”. A distância provocada por Bartleby rebate em nós, ao mesmo tempo em que nos fascina. Sua vida é, aparentemente, tão bem organizada e governada que encontrar um ponto de fuga para a intimidade é um privilégio que nem mesmo a Melville foi concedido.

Mas o que me deixou fascinada foi você ter apontado que ele, o Bartleby, inspira e legitima os colegas para também agir guiados por suas preferências. Foi exatamente esse o assunto da conversa que tivemos, eu e Jorge, na semana passada. Ele lembrou uma fala da Louise Bourgeois que gostava de esculpir em pedras pelo que a pedra não dá, pelo que ela resiste, pelo que a pedra insiste. E a pedra, na sua insistência, acabava por alterar o gesto da

artista. Travava-se uma luta, na qual a artista, a Bourgeois, já sabia quem sairia vencedora. Isso tudo me faz pensar que nossa insistência em trabalhar frente a um sistema de arte já “dominado” se dá por que, ao fazer esta escolha, criam-se oportunidades de viver mais intensamente o inexistente, recorrendo sempre àquilo que ele não dá.

Se por qualquer circunstância diminuir de tal modo a vontade de esculpir pelo viés da subtração e do embate, então já não será Bartleby o protagonista de nossas trocas. Ainda na conversa com o Jorge, veio à tona um poema do João Cabral de Melo Neto, “Uma faca só lâmina”, onde tudo (a linguagem, o substantivo, o adjetivo e o predicado) é mutável. E apenas no final, depois de toda a luta com a matéria (a pedra, o livro, a página em branco, a linguagem), João Cabral finalmente revela:

*“e daí a lembrança
que vestiu tais imagens
e é muito mais intensa
do que pôde a linguagem,*

*e afinal à presença
da realidade, prima,
que gerou a lembrança
e ainda a gera, ainda.*

*Por fim à realidade,
Prima e tão violenta
Que ao tentar apreendê-la
toda imagem rebenta.”*

Me diga você se Bartleby não é exatamente isso, uma realidade prima e tão violenta que ao tentar apreendê-lo, toda imagem rebenta?

Bartleby é só lâmina.

Um beijo, e até logo.

Vejo você no lançamento dessa publicação em São Paulo!

Ká

Brasília, julho 2014

Ká, querida,

Sim, vc tem razão, “nós” implica em gente que se interessa em ter o outro como querido. É uma abertura que se propõe, um oferecimento de mutualidade, enfim as relações são feitas desses vínculos, né?... ‘Querer’ também me diz sobre partilhar visões em comum, estar em debate com comprometimento. Mas ultimamente tenho a sensação de escrever frases cujo significado vai se perdendo antes de alcançar o papel, fica retido lá só um subproduto informe. E sim, fiquei pensando na vida privada e especulando sobre a possível consciência de Bartleby, o que podemos inferir de seu linguajar, de seus gestos, de suas incontinências... Tudo isso também revela um pensamento, nem tanto uma pedagogia a partir de Bartleby. Me interessa mesmo Bartleby como modo de aprender, de se aproximar do mundo, de responder, mas sobretudo de reagir com um não –um não que destrutura os pilares do pensamento e do comportamento de todos ali no escritório. E ainda mais curioso é que ele estende sem cerimônia estes limites para em seguida os ocupar também. Entre o comovente e o inconveniente, Bartleby traça um posicionamento, constrói um lugar. E o domina ao ponto de acreditar ter posse dele. Sabe? Ele toma uma posição. Acho que é uma invasão também, é furtar uma possibilidade. Isso fica mais claro, por exemplo, nos diálogos em que ele constringe o patrão.

De fato, Bartleby é impenetrável. Numa leitura possível, nem tanto prioritária, ele poderia ser aquele território selvagem de diferença e singularidade, da consciência de ser eu um indivíduo, de me reconhecer, mas isso diante da falha e do total desconcerto e susto de também perceber-se deslocado dessa noção, por vezes frágil, mesmo incompreensível... Volto a perseguir e te escrever sobre o ‘eu’ (motivado por um convívio que estabelecemos), sobre vozes da subjetividade... E Bartleby fala muito pouco e em tons um tanto indecifráveis.

Fico pensando, enquanto escrevo, em nossas dinâmicas de grupo, mas prefiro nem tentar escrever sobre isso. Fico ruminando por aqui entre as linhas desse poema lindo do João Cabral de Melo Neto. Obrigado pelo envio!

Um bjo,

J

São Paulo, agosto de 2014

Oi Júlio, boa noite!

Ou bom dia, não sei exatamente como se comportam os tempos na madrugada... Gosto mais de pensar o agora como amanhã, porque já passou da meia noite, mas ainda não dormi. Em todo caso, ainda está escuro.

Amanhã (ou hoje) será o lançamento do livro que contém esse texto, já não temos mais tanto tempo de conversas e, além disso, estou me esforçando para escrever sem erros porque o texto já foi revisado. Uma pena que não poderemos nos ver e continuar essa conversa pessoalmente.

Tem algumas peculiaridades do Bartleby que vez ou outra podem passar despercebidas. Você lembra que ele passava horas olhando através de uma janela branca atrás do biombo, para uma parede cega de tijolos? Sempre me pego pensando nessa imagem e no quanto ela me afeta pela semelhança. Não que eu tenha uma janela branca, mas tenho a página. A Graziela, em letras miúdas que até com o zoom é difícil de ler, nos deu um retrato fiel do Bartleby. Uma página tão branca quanto a janela branca atrás do biombo emoldurando sua mais significante expressão, também branca: “preferiria não fazer”.

Estou um pouco cansada da viagem, mas gostaria de continuar essa conversa, para que surjam outras oportunidades de não fazê-la.

Um beijo, meu querido. Espero que estejas bem!

Ká

Vitória, outubro 2014

Querida Ká,

Te agradeço, pois foi você quem me indicou Bartleby, naquele seminário que participamos em São Paulo, e agradeço novamente por trazer à memória esse dado fabuloso! Sim, Bartleby tem o olhar anestesiado pela paisagem, passa horas a fio à janela, posso vê-lo frente à mesa ociosa, poucos papéis. Fico tentando pensar algo que crie correspondência – como uma qualidade ou intensidade do olhar reconhecível por nós, que escrevemos sobre e a partir da arte –, com um olhar que experimente e desvende essa visualidade estática, contemplativa,

manipulação temporal que põe o tempo pra dormir em nós. Desaceleração do tempo. É uma pausa que está plena de atividade psicológica, como quando nos perdemos num pensamento que nos leva pra longe de onde estamos.

Conheci um rio numa cidadezinha norueguesa e passei uma tarde inteira lá tentando ficar encharcado do rio, de fora dele. Consegui no máximo suar o colarinho da camisa... Você sabia que depois de nadar determinada quantidade de km, o corpo entra num estado de transe e nada novamente aquela distância sob uma percepção alterada do tempo? Lembrei que em minhas notas durante a viagem à ilha de Anhatomirim está registrado que viajar é desacelerar o tempo. Lembrei que Deleuze era uma pessoa que não gostava de viajar, pois preferia “não retardar a chegada dos devires”, ou “não interferir muito na vinda dos devires”, ou algo parecido... O fato é que ficava em casa, esperando. Certamente a visualidade estática de Bartleby opera nessa intensidade.

Determinados textos que escrevemos parecem ir se escondendo no tempo e relê-los, anos depois, é redescobri-los, é também lê-los pela primeira vez... Tudo se passa no tempo. Já faz um tempo que olhava pra esta página esperando mais palavras. Ainda sob efeito da experiência aí em Floripa, temo que a fala sobre tudo o que vivenciamos, discutimos, aprendemos e compartilhamos seja sempre empobrecida. Lendo agora nossas últimas correspondências, de meses e meses atrás, um sentimento me vêm, sem nome e sem genealogia. Fico imaginando que o tempo é mesmo algo que se percebe em silêncio, as palavras quase nunca dão conta. (Ainda que o fraseado longo de Proust seja lindo e influencie nosso ritmo respiratório de imediato, ao ler).

Mas queria insinuar contigo sobre o trabalho da Graziela Kunsch, a página em branco, parece mesmo jogar com a oficialidade de um lema, marca uma posição... Este trabalho tem a força de uma barreira de interdição, de área envolvida por faixas de isolamento. Me fala mais desse trabalho, sigo curioso a respeito.

Queria te contar uma coisa, sem contexto mesmo: depois de conhecer o trabalho do Bill Lühmann, me pego em manhãs livres andando pela rua e recolhendo pequenos objetos para uma coleção de achados. Determinados trabalhos que vemos parecem definir estratégias de olhar, que se utilizarmos ou replicarmos na vida nos oferecem o horizonte alargado da experiência estética.

Um beijo pra você, saudades

Sorocaba, outubro de 2014

Oi Júlio, como você está?
Saudades também!

Há tanto tempo que não conversamos sobre o Bartleby, que também dele fiquei com saudade. Relendo nossas trocas de palavras revestidas de sentimento e memórias, dei-me conta que, por fim, pouco falei do trabalho da Graziela, que provocou em você tanta curiosidade. Linda a imagem que você trouxe do Bartleby, no sentido de que ele opera na intensidade de não interferir na vinda dos devires. Ele sequer sai do escritório para comer ou dormir, e descobrimos isso apenas no final do livro. Mesmo curtos, os deslocamentos parecem impraticáveis. Fico me lembrando do pensamento de Walter Benjamin acerca da imagem. De algum modo, o Bartleby, sendo “só lâmina”, é primeiro um cristal de tempo, a forma construída de um choque onde o outrora encontra o agora em um relâmpago para formar uma constelação.

Estou conversando com o Jorge Mena Barreto no “WhatsApp” enquanto te escrevo e, por coincidência, ele me mandou uma mensagem há 2 minutos que diz assim: “Acordei pensando no Bartleby, que ele renuncia a tudo, mas não à fala. Se ele preferisse não, ele calaria. Dizer “eu preferiria não” é um fio que escapa à completa negatividade”. Não havia pensado sobre isso, o Bartleby para mim sempre foi a imagem da resistência, essa mesma que perdemos, talvez nos anos 70, depois que o mundo se transformou em imagem. Já não temos a força poética e profética dos “Provos”, embora continuemos lutamos por direitos emancipatórios, igualmente políticos, mas provavelmente mais mascarados.

Quando falamos em resistência, pensamos sempre no macro, no sistema capitalista, nas zonas de guerra, nas doenças devastadoras, na luta dos sem terra. Mas a resistência também está no micro, do dia-a-dia, no nosso processo vital e nossa função de resgatar os mundos que se perderam nesse regime vertiginoso da globalização. Lembro uma fala da Marisa Flórido em Recife: “Não temos mais como construir um mundo em comum, então nós vivemos a catástrofe em comum”. Mas o Bartleby, Júlio, o Bartleby nem a catástrofe, ele vive em comum. E aí, talvez o Jorge tenha razão, ele só não resiste à fala. Talvez porque, ao se escutar, ele lembre que é humano. Tem uma parte do livro que me comove muito, uma pequena conversa em que seu chefe tenta, apela, implora para que o Bartleby se abra com ele, converse. Chega ao ponto de dizer “Eu sou seu amigo, eu gosto de você”. E ele estava sendo sincero, tenho certeza.

Hoje acordei confusa, acho que essa carta demonstra um pouco desses conflitos. Talvez eu tenha nadado muitos km e minha percepção da vida e do tempo

esteja alterada. É como se o Bartleby me impedisse de agir como de costume. Sempre fico em estado de suspensão quando escrevo para você. Quando falo sobre ele. Seria inveja? Você percebe a força que tem essa personagem, para repetir, repetidamente, a palavra “não”? Dizemos sim a tudo, Júlio. Até aquilo que sabemos que irá nos machucar e, mais do que isso, machucar o outro. Acho que tenho inveja do Bartleby.

Estou no meio de uma montagem de exposição, exausta, mas achei que deveria parar e te responder imediatamente. Me parece que chegou o momento, não de consolidar o que se estabiliza, mas de mostrar a crise, quebrar o que chamamos de realidade por meio de alucinações não adaptadas, a fim de trocar os valores do real.

Um beijo, querido. Espero que estejas bem em Vitória. Acho uma cidade com paisagens lindas.

Ká

Ilha de Santa Catarina, fevereiro de 2031

Querido Júlio,

Estive buscando por Bartleby na prateleira de cima, onde alcanço apenas quando fico na ponta dos pés. Não que seja alta, mas como você sabe, eu não passo de um metro e meio de altura. O livro, já empoeirado, caiu no chão com as páginas abertas, mas a imagem que apareceu foi justamente a de Bartleby, uma parede cinza. A edição é aquela da Cosac, lembra? Costurada nas bordas... A surpresa é que guardei as nossas correspondências dentro do livro, deixei dormir junto com Bartleby todos esses anos. E agora, relendo, fui tomada por uma vontade enorme de poder, novamente, ser contaminada pelas nossas conversas, pelos nossos desejos.

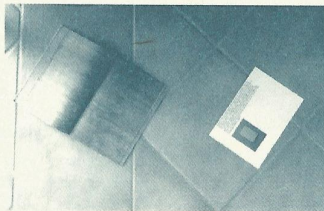
Depois de ver uma entrevista ontem com o Frederico de Moraes no Art1, gravada em 2014, resolvi reler Bartleby. Ele diz que a velhice nos dá o privilégio de reencontro com nossos mais estimados escritores. E liberdade também, de não se deixar contaminar pelo turbilhão de informações e autores contemporâneos, guardando o tempo, tão escasso, para reler os da juventude.

Um beijo desde a ilha, que está com cinco vezes o número de sua

população por causa das férias de verão. Se pudesse ser um pouco de Bartleby, eu preferiria não estar aqui.

Ká

PS: envio anexo uma imagem do momento da queda.



Nova Lima, março de 2031

Ei Kamilla, tudo bem?

Que felicidade o acaso não! Os acidentes, por vezes, se passam por providência. Eu precisava mesmo reler Bartleby, fui até meu livro assim que te li. Essa edição era daquelas páginas que se abriam com um rasgo, cada página era descoberta... Bons tempos, bom reler as notas que escrevi no canto das páginas. Veja essa polaroid que te envio em anexo. Encontrei visitando arquivos daquela época. Como é misterioso o que tempo provoca na gente, não?

Volto a ter saudades de você, um bjo,

j

Ações Curatoriais

Organização

Beatriz Lemos
Kamilla Nunes
Marta Mestre

Curadores

Andreza Gomes
Beatriz Lemos
Fernando Boppré
Gabriela Motta
Júlio Martins
Kamilla Nunes
Maria Montero
Marta Mestre
Paulo Miyada
Santiago Garcia Navarro

Artistas

Bernando Zabalaga
Carlos ASP
Jorge Menna Barreto
Nelson Félix
Rafael RG
Raquel Stolf

Colaboração

Karina Zen
Cláudia Cárdenas
Bil Luhmann
Gregori Homa

Design Gráfico

Leandro Pitz

Produção

Elisa Schmidt
Sarah Pusch

Fotografia

Giba Duarte
Sarah Push
Elisa Schmidt

Filmagem e edição

Rosana Cacciatori

Som

Rodrigo Ramos

Assessoria de Imprensa

Luciana de Moraes

Programação visual do catálogo

Estúdio Drüm

Abertura/Fechamento

Bernardo Zabalaga

Realização

Instituto Meyer Filho

Patrocínio

Edital Elisabete Anderle
de Estímulo à Cultura

Apoio

Universidade do Estado de Santa
Catarina, Museu da Escola Catarinense,
Universidade Federal de Santa Catarina

Agradecimentos

Sandra Meyer, Sandra Makowiecky, Joi,
Pousada Mar de Dentro, Fred Gorsky,
Juliana Schmidt, Nilton Santo Tirotti,
Carlos Franzoi, Ane Fernandes, Mery
Nunes, Josué Mattos, Daniele Zacarão,
Fabiola Scaranto, Karina Zen, Roberta
Tassinari, Fê Luz, Diego de los Campos,
Bill Luhmann, Joelson Bugila
e Bianca Tomaselli.



FUNOCULTURAL



Sumário

- 02** Mapa Astral do Congresso Extraordinário da Fortaleza de Anhato-Mirim
- 04** Beatriz Lemos – *Onde estão as mulheres?*
- 10** Paulo Miyada – *O extraordinário do congresso da fortaleza sem ilha de Anhato-Mirim, descrito obsessivamente*
- 14** Raquel Stolf – *Abafador de ruídos*
- 18** Kamilla Nunes e Júlio Martins – *Eu preferiria não fazer (I would prefer not to)*
- 32** Maria Montero – *Dez minutos, uma semana, um ano*
- 35** Rafael RG – *Tudo poderia ter sido diferente do que foi da forma que conhecemos*
- 36** Fernando Boppré – *Se caso não houvesse rompido o pampeiro sujo na ilha de Santa Catarina aos oito de junho do ano da graça de dois mil e quatorze, dia da realização do congresso Extraordinário da Fortaleza de Anhato-Mirim, ter-se-ia avistado e tomado ciência das seguintes notícias:*
- 42** Nelson Félix – *Concerto para encanto e anel*
- 44** Jorge Menna Barreto – *Anotações sobre suco específico*
- 50** Santiago G. Navarro – *Afinal, quando vamos ser sul-americanos?*
- 56** Gabriela Motta – *Prólogo – Sobre caminhos enviesados no qual cruzam-se experiências andantes e sentantes*
- 62** Andreza Gomes – *A.G. x A.V. – Je avec Agnès Varda*
- 66** Marta Mestre – *Visto bueno*
- 68** TiroTTi – *Apêndice*
- 3/70** Bernardo Zabalaga

Legendas

- 07** Do Women Have to be Naked to Get Into the Met. Museum? Cartaz de Guerrillas Girls, 2012.
- 05** Performance de Rafael RG
- 17** Curadores residentes em visita à Ilha de Anhato-mirim
- 31** Abafador de ruídos de Raquel Stolf. Ação na praia da Joaquina.